

## CÍRCULO POÉTICO DE XIQUE-XIQUE: A GÊNESE

João Ricardo Carneiro Valença Wanderley (UNEB)  
Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu e Silva (UNEB)

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar o fanzine *Círculo Poético de Xique-Xique* – como produto do projeto de extensão Estudos de criação literária: a poesia, também uma demanda do grupo que nasceu dessa experiência criativa, com nome de Sociedade dos Poetas Vivos. Desse modo, considera-se esta confraria e o zine que dinamizava suas produções como espaço vivo de pluralidade poética, diversas vozes e demandas, convergentes e divergentes no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia (Campus XXIV), onde cabia o projeto (zine) e que mais tarde viria a se desvencilhar e alçar voos independentes. O *Círculo Poético de Xique-Xique* pode ser percebido como um modelo de partilha, sua constituição formal, anormal aos padrões literários e até mesmo às dobras zineiras – sendo apresentado como uma grande dobradura de uma ou várias folhas de papel – e de conteúdo, nos remete tanto a quebra quanto ao caminho que pode ser percorrido e, aqui, pensar o material gráfico e poético sobre o qual redijo é pensar até que ponto vai a materialidade desse caminho nunca estacionado. O *Circular I* (como ficou conhecido) é o desafio, caberia ao zine em um contexto de mídia não hegemônica e disruptiva tais desafios frente à literatura. Nessa perspectiva, cabe refletir acerca dos movimentos de ruptura em relação ao *status quo* literário, trazendo a tona discussões importantes como qual o lugar da poesia, se dentro da universidade, com o lirismo canônico ou nas ruas com a urgência quase destrutiva do gênero literário guiado pelas demandas de quem o faz ou da sociedade que o circunda não menosprezando a análise acurada do *Círculo Poético de Xique-xique*, seus fundamentos, história e formação sociocultural e acadêmica. O artigo terá como aporte teórico as discussões de Magalhães (1993, 2003, 2009) e Edgar Guimarães (2005) sobre o fanzine, seu surgimento, história e contexto atual. Para análise da noção de arte como forma de resistência na atualidade será utilizado Benjamim (1935), Busanello (2015) e Rancière (2007, 2010).

**Palavras-chave:** Poesia. Fanzine. Criação.

## 1 Preparando o caminho

Feitos em casa, em pequenas editoras ou, dentre as muitas outras possibilidades imaginadas por aqueles que o fazem, em pequenos espaços gráficos e reproduzidos em máquinas fotocopadoras e (quase) sem ajuda especializada, o zine mostra-se como única entidade capaz de dar voz artística para artistas que buscam, através de suas obras, divulgação e produção pela necessidade de coletivizar, melhor dizendo, de falar do que os move.

Assim, como o objeto de estudo, o fanzine *Círculo poético de Xique Xique* não está concluído como gênero e suporte, uma reflexão sobre ele também não deve estar fechada à contribuições futuras, permanecendo em constante trânsito. Importa refletir sobre tais relações, por isso, uma descrição detalhada sobre sua estrutura e contexto de criação se tornam pertinentes.

O estudo: do mesmo modo margem para circular o fanzine fora do contexto atual, sendo atravessado por questões não literárias e não hegemônicas, bem mais que um suporte barato para o texto, como se pode imaginar numa primeira leitura do termo que remonta à “revista do fã”, o zine é um espaço de produção profundamente artístico e contemporâneo, diverso e inacabado. Assim, jogando com as peças disponibilizadas pelo zine, a necessidade de dizer da necessidade de se fazer um grupo ouvido é que surge o *Círculo Poético de Xique-Xique*, como resultado de um curso de extensão *Inventando Vida: a literatura em movimento* promovido pela Universidade do Estado da Bahia. Um evento que tinha no centro do seu desenvolvimento a experiência poética a partir da experiência do texto e da voz performatizada pelo corpo em cena.

A Sociedade Poetas Vivos se reuniu no dia 25 de novembro de 2010, com a firme convicção de que “a poesia não morreu”, mas vive em cada esquina, na sombra dos dias de cada um. Esta perspectiva dinamizou o processo criativo do grupo e ficou claro para aqueles jovens poetas e poetisas que não importava o lugar, onde estavam reunidos, importava o desencadear do primeiro movimento daquele círculo de jovens dispostos a vivenciar a poesia em sua plenitude nos limites da vida. As palavras a seguir constam na ata dessa reunião e são questionadoras: “Onde estão os olhos atentos, dispostos a recolher essa dádiva? Por que caminhos andam aqueles, os predestinados, os loucos dispostos a reclamar um lugar para a palavra desabrigada na vida das pessoas?” (2010, s/p.). Sendo assim, como considera Octavio Paz, a voz da poesia “...é outra porque é a voz das paixões e das visões; é de outro mundo e é deste mundo, é antiga e é de hoje mesmo, antiga sem data” (PAZ, 1993, p 140). Mas, também, é a voz dos renascimentos, das descobertas, da invenção de novas “realidades

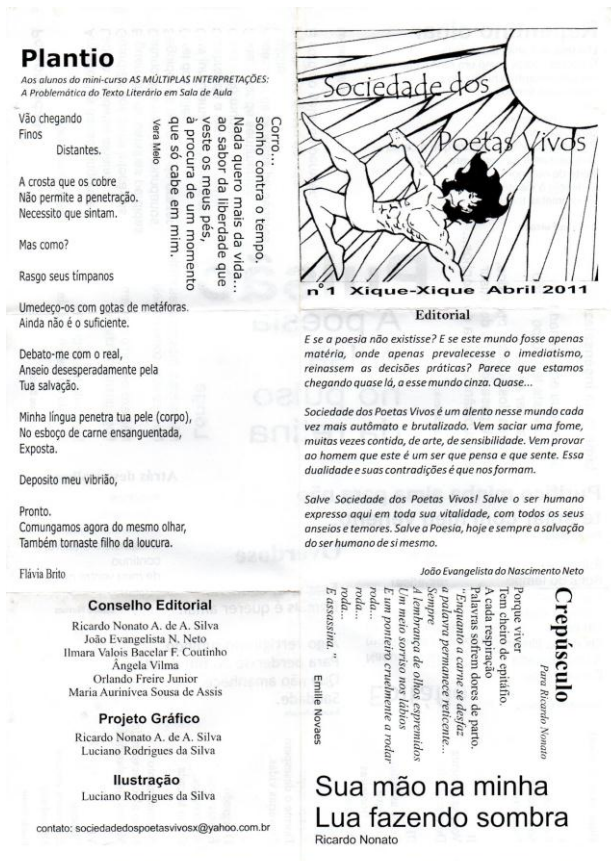
possíveis”.

Pensar o *Círculo Poético de Xique-Xique* é enveredar por um espaço não demarcado, mas ocupado. Este não-lugar ocupado pela literatura do fanzine é, também, ponto de resistência e põem em confluência de diversas vozes e lugares poéticos, cuja plasticidade dá um novo valor a sua materialidade, cerne do pensamento do produto impresso pelo zine ao promover uma conversa que mobiliza diversidades no meio literário. Com tal trabalho pretendemos dar início ao estudo do *Círculo* e sua trajetória, neste momento as edições que compõe o primeiro ano de sua existência, totalizando sente números.

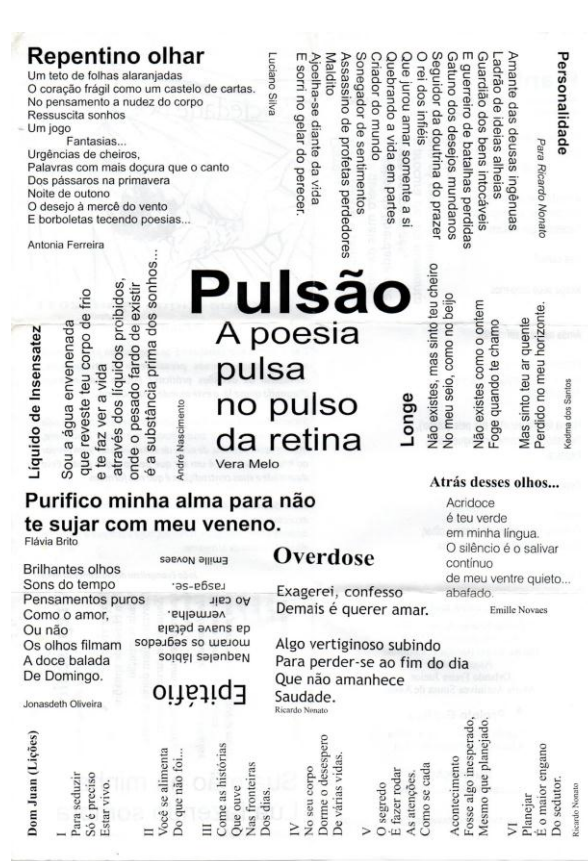
Cada fanzine possui uma estrutura que enfatiza o propósito de sua existência. Não é diferente com o *Círculo Poético de Xique-Xique*. Observação, inclusive, já feita por Silva no texto “O *Círculo Poético de Xique-Xique*: a poesia, corpo e performance”:

A estratégia de se utilizar uma única folha dobrada em várias partes faz referência a uma concepção de arte já existente, instaurada por Mallarmé, no século XIX. Preocupado em adaptar a forma física do livro à ideia, utilizando-se de uma única folha e da ausência de paginação para alcançar seu propósito, Mallarmé recusava a passividade e linearidade das páginas e da leitura, argumentando que um livro não deveria ter nem princípio nem fim. (SILVA, 2014, pg. 700)

A ideia do fanzine não possuir uma materialidade convencional atende a um esforço de se distanciar de formas convencionais. Não por acaso, Bernadette PeneK (2003) comparava o livro fechado, um volume fixo, à tumba, representação da morte, e o livro aberto, através do movimento das folhas, à representação da vida. O *Círculo Poético de Xique-Xique* atende a uma demanda de escrita. Sua forma de composição desloca o leitor do seu horizonte de expectativas: entre o que ele espera de um periódico convencional e o que ele agora tem nas mãos existe um estranhamento desencadeado por uma pergunta: Por onde começar a leitura? Tal questão põe em movimento o processo de leitura criativa. Uma única folha com poemas dispostos em várias direções, letras de tipos e tamanhos diferentes configuram um dizer múltiplo no qual a poesia ganha contornos particulares. As duas imagens a seguir constituem uma única folha de papel:



(figura 1)



(figura 2)

## 2 A genese

*O Círculo Poético de Xique-Xique* nasceu na cidade que faz parte do título e sem horizontes grandiosos como produto de um projeto de extensão em literatura com textos resultado de experiências criativas de seus participantes, alunos da Universidade do Estado da Bahia que faziam parte da confraria Sociedade dos Poetas Vivos, que dá título à 1ª edição do zine e é contemplado como subtítulo nas duas seguintes. Nas palavras do 1º editorial, escrito por João Evangelista do Nascimento Neto,

A Sociedade dos Poetas Vivos é um alento nesse mundo cada vez mais autômato e brutalizado. Vem saciar uma fome, muitas vezes contida, de arte, de sensibilidade. Vem provar ao homem que este é um ser que pensa e sente. Essa dualidade e suas contradições é que nos formam.

A primeira edição do zine foi lançada durante o *II Sarau Cultural*, um dos eventos coordenados pelo projeto de extensão já mencionado, com a presença dos autores e comunidade acadêmica. A primeira edição do zine foi muito festejada, tendo em vista que era uma publicação contendo quase que exclusivamente textos dos alunos, algo até então inédito no campus XXIV da Universidade do Estado da Bahia. Publicação apoiada institucionalmente

que viria a se tornar veículo para a materialização das experiências criativas dos jovens da Sociedade dos Poetas Vivos.

A gravura estampada no mural, de autoria de Luciano Rodrigues, também um dos membros da Sociedade está reproduzida logo abaixo, um dos vários registros feitos ao longo do ano de 2011 que revelam os vários momentos em que os membros da Sociedade do Poetas Vivos se mostravam ativos nos eventos propostos pelo projeto de extensão, cuja finalidade de promover experiências criativas mediante a produção de poemas ultrapassava os muros da universidade, integrando-se a vida cultural da cidade, ocupando seus espaços, sobretudo praças e avenidas de grande fluxo.



(figura 3)

O que observamos na imagem, além do contentamento dos autores naquele momento? Talvez a certeza de que as experiências criativas, ali compartilhadas pelo grupo estavam sendo partilhadas naquele instante com outros leitores, além de seus pares. A primeira edição do fanzine cumpria o seu objetivo inicial, dar vazão a produção poética da Sociedade dos Poetas Vivos e mais do que isso, integrava um plano cultural que faria parte da cidade.



Estavam cumprindo uma das premissas do grupo, vivenciar a arte para além das palavras impressas que constam na ata da reunião já mencionada, ocorrida no final de 2019: “Aqui estamos nós, *A sociedade dos Poetas Vivos* reunidos em nome da necessidade, essa busca desenfreada de fazer explodir a angústia do existir, a mesma necessidade que Rilke dizia ser o dínamo do poeta” (2010, s/p.), bem perceptível em “Crepúsculo”, poema Emile Novaes (pseudônimo), pela profunda relação estabelecida entre viver e morrer, como instancias da própria palavra – cerne da luta enfrentada pelo poeta -, agenciada pela força criadora e do tempo que passa a consumir toda a existência marcada pelos ponteiros do relógio:

Porque viver  
Tem cheiro de epitáfio.  
A cada respiração  
Palavras sofrem dores de parto.  
“Enquanto a carne se desfaz  
a palavra permanece reticente...  
Sempre  
A lembrança de olhos espremidos  
Um meio sorriso nos lábios  
E um ponteiro cruelmente a rodar  
roda  
roda  
roda  
E assassina.  
(NOVAES, 2011, s/p)

Os poemas publicados nesse fanzine, apesar de se constituírem realizações iniciais de seus jovens autores se configuram pela busca da força metafórica das palavras a partir de um agenciamento inusitado que desloca seus sentidos usuais. Evidentemente como primeiras realizações, muitos dos poemas nas suas realizações não alcançaram um efeito de potencia, de

qualquer modo o gesto dessa procura se tornou reflexiva para os membros da Sociedade dos Poetas Vivos que procuravam vivenciar através das próprias palavras a construção de seus versos. Poemas como “Repentino olhar” ou mesmo “Plantio” ainda que agarrados a experiência de um sujeito lírico em movimento evidenciam um movimento de deslocamento, que mesmo incompleto na sua realização não deixa de se constituir como uma luta com palavras para desviar das obviedades do dizer. Citaremos aqui “Repentino olhar”:

Um teto de folhas alaranjadas  
O coração frágil como um Castelo de cartas.  
No pensamento a nudez do corpo  
Ressuscita sonhos  
Um jogo  
Fantasias...  
Urgência de cheiros,  
Palavras com mais doçura que o canto  
Dos pássaros na primavera  
Noite de outono  
O desejo à mercê do vento  
E borboletas tecendo sonhos.  
(FERREIRA, 2011, s/p.)

#### **4 FIM-NÃO-FIM**

Observando o objeto crescer periodicamente não há conclusão possível senão a parcialmente finalizada. Pensar o zine como gênero literário, como já mencionado, abre discussão para além do suporte puro e simples, o zine em seu caos proposital guarda sentido na subversão total à cultura de massa, deste modo, afunilamos para o *Círculo* que em sua totalidade, particularmente me encanta e essencialmente renova as questões literárias, não há mais, observando o círculo que se limitar à linearidade do papel ou se convencer ritualmente de que, quanto mais grosso ou pomposo o livro melhor o seu conteúdo, nesses encartes os quais eu escuto há poesia de grande qualidade e questionamentos essenciais, está aí a renovação, a recriação do objeto livro, talvez ainda não deixemos de usar papel para algo mais sustentável como folhas de bananeira mas precisamos, essencialmente, notar que o sistema caiu e tudo que vem da grande indústria dele ruiu junto, velhos questionamentos não são válidos para novos tempos. Tal qual o navio de Argos (Barthes 1972) o livro em si ainda é livro mas as peças que o compõem essencialmente hão de mudar e para isso o *Círculo* é um bom ponto para reflexão.

Relegando a lógica capitalista, a produção literária não é mais para um pequeno grupo de intelectuais, mas também para a grande massa que, ativamente, produz mudanças e

produzem a literatura contemporânea, contundente e revolucionária de uma experiência que na compreensão de Hans Robert Jauss (1979), defende que:

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einste Uung auf*) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. (p.69)

## REFERENCIAS

- CÍRCULO POÉTICO DE XIQUE-XIQUE. Xique-Xique: Universidade do Estado da Bahia, Xique-Xique. abr, n° 1, s/p, 2011.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MAGALHÃES, Henrique. O que é fanzine. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MAGALHÃES, Henrique. O rebuliço apaixonante dos fanzines. João Pessoa: Marca de Fantasia/ Ed. Universitária UFPB, 2003
- GUIMARÃES, Edgard. Fanzine – Série Quiosque n° 2. João Pessoa: Marca de Fantasia/ Ed. Universitária UFPB, 2005
- BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre: L&PM, 2019
- BUSANELLO, William de Lima. Fanzine como obra de arte: da subversão ao caos. Paraíba: Marca de Fantasia, 2015.
- PANEK, Bernadette. *Livro de artista - O desalojar da produção*: Mallarmé, Magritte, Broodthaers, jogos entre palavra, imagem e objeto. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais). Escola de comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- PAZ, Octavio. *A Outra Voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*: A canção de amor e morte do portae-standarte Cristóvão Rilke. 20 ed. São Paulo: Globo, 1994.
- SILVA, Ricardo Nonato A. de A. O Círculo Poético de Xique-Xique: a poesia, corpo e performance. In: CADENGUE, Antonio Edson; RUDIMAR, Constâncio. *Arte/ Educação - Ecos de Resistência na América Latina*. Recife, 2014